

Faltam emojis

“acomodem suas malas
nos compartimentos da aeronave
como se acomodam
livros na estante:
com a lombada à mostra”
disse aquela aeromoça
num voo continental
tão kindly solicitando aos passageiros
o impossível-possível
desde então cada embarque
me parece uma biblioteca em viagem
passageiros ensaiando um Tetris nervoso
com suas bíblias gordas de culpa pressa e nostalgia
contemplo a confusão humana
e penso na bibliotecária das alturas
para a qual não há nem haverá
emoji
mesmo sabendo que
temos emoji de avião
piloto de quepe
mala maleta mochila bolsa
e livros empilhados
e o dedo que pede calma
e a pessoa irritada
mas não temos
emoji
para a voz que tão kindly pedia
para sermos metafóricos
antes de apertar os cintos

A mãe dos emojis

Shigetaka Kurita
não é mulher
é um homem japonês
nascido em 1972
na província de Gifu
filho único
de Ena
assim falou
sobre sua
criação
“foi por acaso
que cheguei
à ideia
se não fosse eu
outra pessoa
teria feito”
mas quem
teria?
seu favorito é
o coração
o primeiro emoji
que brotou num pager
da DoCoMo
nos anos 90
ele queria fazer
o emoji de cocô
mas na época
a empresa disse
“não pode”

Sabedoria-emoji

todo ano desde 2015
o dicionário Oxford
elege o emoji do ano
em 2020 foi
“pessoa com máscara médica”
em 2019 foi
“bocejando”
em 2021 foi
“seringa”
os emojis
são termômetros
da humanidade?
talvez não mas
são um pouco
febres coletivas
de nossa doce infantilização
de nosso cansaço adulto
catarses pandêmicas
e o sintoma
de uma era
toda-sintoma
quando perguntaram
à criança se ela sabia
que meninas namoram meninas
e que meninos namoram meninos
ela disse
“sei sim,
já vi os emojis”